



ICONOCLASTA

O escritor Oswald de Andrade, que atacou os conchavos da Academia Brasileira de Letras. Ao lado, reprodução da carta em que Guilherme de Almeida diz que votaria nele

VIDA

MENTE
ABERTA

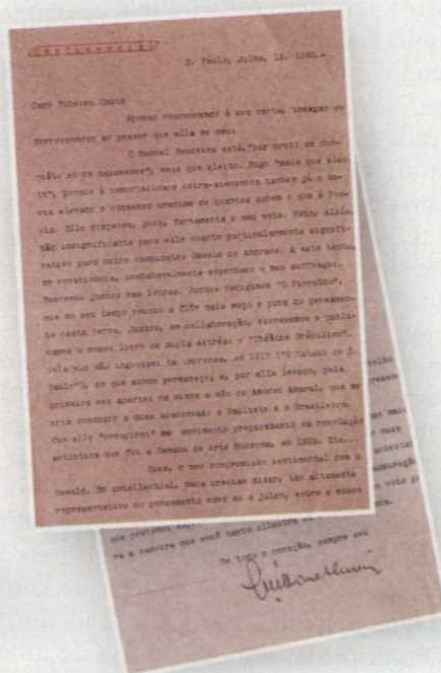
Uma eleição antropofágica

Em 1940, o escritor Oswald de Andrade promoveu uma operação polêmica para tentar ingressar na Academia Brasileira de Letras. Lançou seu nome como o “candidato do povo” à casa de Machado de Assis e fez campanha no rádio e nos jornais para mobilizar a opinião pública. Pretendia romper com o que chamou de “cambalacho” nas eleições acadêmicas, sempre decididas nas negociações de bastidor e na troca interessada de citações literárias. Segundo ele, somente com um pleito honesto e amplamente divulgado a instituição poderia escolher os verdadeiros trabalhadores da cultura para renovar seus “quadros de paralisia senil”. Foi uma derrota retumbante. Entre 39 votos, obteve apenas um.

Em 1970, o escritor Cassiano Ricardo, em seu livro de memórias *Viagem no tempo e no espaço*, disse ter sido dele esse voto único. “Oswald de Andrade teve meu voto em 1940 e eu votaria de novo em seu nome ilustre e subversivo”, escreveu Cassiano. Desde então, as biografias escritas sobre Oswald reforçam que Cassiano foi o único a apoiar essa sua polêmica investida na Academia. Há alguns anos, no entanto, o colecionador carioca Manoel Portinari Leão comprou uma carta que muda essa história. Pela correspondência, hoje pertencente ao acervo do colecionador no Rio de Janeiro,

Oswald de Andrade teve um único voto ao se candidatar à Academia Brasileira de Letras. Uma carta mostra agora que o autor não foi quem a história contava

Marcelo Bortoloti



ro, quem votou em Oswald foi o escritor Guilherme de Almeida.

A carta com o selo “confidencial” foi escrita por Guilherme ao acadêmico Ribeiro Couto, que lhe pedira voto para outro candidato, o poeta Manuel Bandeira. Na missiva de julho de 1940, Guilherme afirmou que não votaria em Bandeira, que acabou ganhando a eleição, porque tinha um compromisso moral com Oswald. “O Manuel Bandeira está (...) mais do que eleito. (...) Ele dispensa, pois, fartamente o meu voto. Voto, aliás, tão insignificante para ele quanto particularmente significativo para outro candidato: Oswald de Andrade.” Na carta, Guilherme lembrava seu passado comum com Oswald. “Nascemos juntos nas letras.(...) Juntos, em colaboração, escrevemos e publicamos nosso primeiro livro de dupla estreia. (...) Esse, o meu compromisso sentimental com o Oswald. Do intelectual, nada preciso dizer, tão altamente representativo do pensamento novo eu o julgo entre a nossa gente.”

Em votações secretas tão permeadas por interesses como as da Academia, não é raro o jogo duplo em que um acadêmico anuncia apoio a um candidato, mas vota em outro. A poetisa Olga Savary, candidata em 2014, teve apenas um voto, mas colecionou declarações de apoio de quatro acadêmicos diferentes. O que dá ▶

MENTE ABERTA

força à possibilidade de o único voto em Oswald ter sido mesmo dado por Guilherme é que mentir sobre uma negativa de apoio não faz sentido – o gesto anti-pático não costuma render dividendos. “Esta carta é uma confissão. Guilherme não gostava de ferir sensibilidades, e não daria esta negativa a Couto se não fosse de fato votar em Oswald”, diz Maria Eugênia Boaventura, professora da **Unicamp** e especialista na obra de Oswald de Andrade.

Há também evidências de que Cassiano estava fazendo jogo duplo naquela eleição. No livro *O itinerário de Pasárgada*, Manuel Bandeira afirma que Cassiano, ao lado de Múcio Leão e Ribeiro Couto, trabalhou por sua candidatura. É possível que em algum momento Cassiano tenha convencido o próprio Oswald de seu apoio. O acadêmico Antônio Carlos Secchin lembra uma estranha mudança na relação dos dois. Em 1944, Oswald chegou a chamar Cassiano, que fora amigo de integralistas e trabalhara no departamento de censura da ditadura de Getúlio Vargas, de “ratazana ao molho pardo”. Quase no fim da vida, passou a tratá-lo como o “maior poeta vivo do Brasil”.

Apoiar Oswald naquela eleição tinha um significado político. Ele era um escritor ligado ao Partido Comunista que falava publicamente em eleições num país sob a ditadura do Estado Novo. Ainda que seu temperamento verborágico tenha dado um tom burlesco ao episódio, e muitos escritores disseram que ele queria apenas aparecer, havia uma coerência na candidatura. No ano anterior, Oswald integrara o Movimento Zumbi, organização de intelectuais que tinha o propósito de ocupar as instituições culturais importantes para movimentar a vida literária nacional.

No caso da Academia, essa ocupação seria emblemática. Na década de 1920, os escritores modernistas haviam estabelecido um rumoroso confronto com a instituição, já que a proposta moderna implicava um ataque às formas clássicas de literatura que ela representava.

Vinte anos depois, alguns modernistas já estavam se reaproximando da casa, e Oswald propunha que fizessem isso de cabeça erguida. A Academia deveria se curvar a eles, e não o contrário. Reformar a instituição seria continuar a luta contra o passado “bolorento e incapaz” da literatura brasileira, como ele dizia.

Em sua campanha, Oswald fez comício no rádio, deu entrevista nos jornais e trouxe uma publicidade nova, dirigida mais ao povo do que aos eleitores da Academia. Ao invés da delicada missiva de apresentação enviada a cada acadêmico, escreveu uma carta desaforo, que dizia: “Será Vossa Senhoria daquelas teimosas velhas de Botafogo que ainda acreditam no pavoneio dos títulos literários, roubados aos verdadeiros trabalhadores da cultura?”.

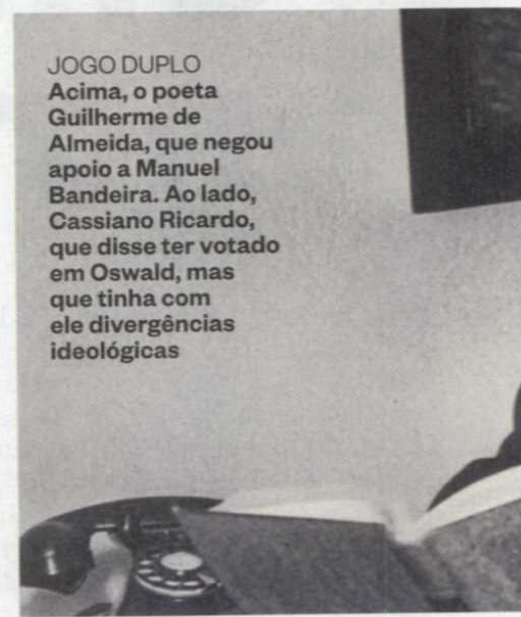
Manuel Bandeira não optou pela luta. Uniu o prestígio literário à obediência dos protocolos da casa. Na carta que enviou aos acadêmicos, Bandeira seguiu a tradição: “Tomo a liberdade de dizer-lhe que seu voto muito desvaneceria este seu criado e admirador”. Esse comportamento foi fundamental

para Bandeira ganhar a cadeira. Ele só não obteve mais votos porque na época, numa infeliz coincidência, foi publicado seu livro *Noções de história das literaturas*. Nele, citava somente o nome de 14 acadêmicos como relevantes para a literatura brasileira. Os excluídos se sentiram desobrigados de votar nele.

O bom convívio sempre pesou na eleição para a Academia tanto quanto a qualidade literária do candidato. Por esse motivo, a instituição deixou de fora nomes de reconhecida importância como Lima Barreto, negro, alcoólatra e com fama de louco, que se candidatou três vezes sem sucesso. Oswald, além da campanha tumultuada, era conhecido autor de sátiras e insultos. Em 1930, foi detido pela polícia quando se dirigia para a Academia munido de um chicote, com o qual pretendia castigar o acadêmico Olegário Mariano, por causa de uma



JOGO DUPLO
Acima, o poeta Guilherme de Almeida, que negou apoio a Manuel Bandeira. Ao lado, Cassiano Ricardo, que disse ter votado em Oswald, mas que tinha com ele divergências ideológicas



intriga literária. “Quando se elege para a Academia, se elege um colega, e Oswald era um sujeito agressivo”, diz o acadêmico Alberto Venâncio Filho.

Na carta que publicou nos jornais, Oswald desafiou os acadêmicos: “O futuro julgará essa eleição mais do que essa eleição me julgará”. A eleição, de fato, não proporcionou a renovação da Academia. No ano seguinte, os acadêmicos mudaram o regimento interno para eleger o presidente Getúlio Vargas sem que ele precisasse fazer campanha. Vargas foi eleito tendo escrito apenas discursos políticos, mas doou o terreno para a construção de um prédio que hoje garante o sustento da instituição.

A instituição permaneceu nessa zona de conforto e conveniência, pescando aqui e ali algum figurão que lhe pudesse ser útil, elegendo antigos iconoclastas cansados de lutar e vez por



outra acolhendo algum gênio vaidoso. O escritor Paulo Mendes Campos dizia que a Academia não reflete a literatura nacional, mas é a melhor imagem do Brasil e de sua confusa cultura social. Ao fugir do destino de ser um órgão cultural expressivo, transformou-se em casa de convivência. “Se o escritor bom deseja entrar, não é vergonha; se é o mau escritor, não ficará sem companheiros; se não é escritor, pouco importa”, escreveu Campos.

Cassiano Ricardo teve sérias diferenças ideológicas com Oswald. Era um poeta importante, mas acabou esquecido provavelmente por seu posicionamento político retrógrado. A declaração de voto em Oswald, na década de 1970, pode ter-lhe sido conveniente num momento em que andava por baixo, enquanto o nome do autor do *Manifesto antropófago* era cada vez mais cotado. ◆